

Guardiã das memórias:

Scholastique Mukasonga velando o corpo de sua mãe em *A Mulher de Pés Descalços*.

11. LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA: GRITOS DE EXISTÊNCIA, RELATOS DE RESISTÊNCIA

Cristina Maria da Silva ¹

Resumo:

O trabalho busca refletir sobre o trabalho da escritora Scholastique Mukasonga (1956-Ruanda) e como sua literatura se vincula a um processo de rememoração (Gagnebin, 2014) e expressão narrativa do luto. Sua escrita é uma forma de velar os trinta sete mortos de sua família, além de amigos e conhecidos. A “vigília” é um trabalho emocional, físico e intelectual de cuidado para com as pessoas negras mortas ou à beira da morte, zelar por elas e por suas memórias (Sharpe, 2023). Aliada ao vestígio é uma forma de evidenciar que o passado que não passou reaparece, rompendo o presente. Tenho como objetivo abordar “os espaços da recordação” (Assmann, 2011) acionado em suas obras, aqui principalmente, em *A Mulher de Pés Descalços*. A testemunha (testis) não é só a que assiste, é também aquele que subsiste além de, tem não só a visão como referência, mas a audição. “Aquele que se mantém no fato” (Seligmann-Silva). Como uma guardiã das memórias, Mukasonga, em sua escrita alinhava as narrativas pessoais à história de Ruanda e, mais propriamente, ao genocídio que destruiu sua família. Tenta dizer o indizível (Kilomba, 2019). Não se deixa sucumbir pelas narrativas que tentam negar o genocídio e nem mesmo pela dor que a dilacera. Como afirma Saidiya Hartman (2021), erradicar a memória é eliminar todas as evidências de uma existência anterior à escravidão, ou seja, “nenhuma imagem de sua mãe viria à mente enquanto ela olhava o rosto de seu filho.” Como sobrevivente, seu corpo e as memórias dos lugares lidam com as feridas abertas pelo trauma do genocídio de 1994. Seu trabalho retomando a história pessoal é uma forma de escuta, sobretudo das mulheres como sujeitos e não como coisa ou resto (Mbembe, 2018); (Felix, XV, Anais, 2024, p. 253). Os territórios revisitados após a destruição de sua família contrastam com os territórios sagrados descritos e experimentados com Stefania: a mãe não sepultada. As páginas escritas envoltas em lágrimas são a forma de sepultar dignamente sua mãe. Os saberes transmitidos aos filhos, as geografias narrativas da casa que lhe foi arrancada, os restos e os pesadelos aparecem como inventários e reacendem em imagens as memórias que se posicionam diante da

¹ Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. UFC.
E-mail: cristina.silva@ufc.br.

história. Se a colonização e o genocídio desmemorizam, os arquivos vivos que a escritora abre, por meio das suas rememorações, tensionam as lacunas e os cortes da memória, porque evocam um “esquecer não pacificado”, (Weinrich), pois “se não há túmulo, não termina o estado de luto” (Klüger). Os traumas são individuais e coletivos, as vinculações temporais se esgarçam e a própria terra está traumatizada, dela regurgitam os ossos e as enunciações dos mortos que pedem para serem escutadas.

Palavras-Chave: Espaços da Recordação, Inventários da Memória, Literatura africana, Scholastique Mukasonga, Rememoração.